

O Globo
31/8/98
287

Mutirão é organizado para combater fogo em MT

Moradores de lugarejos, fazendeiros, índios e bombeiros se unem contra incêndio que já queimou 150 mil hectares

Daniel Hessel Teich

Enviado especial

• SÃO JOSÉ DO XINGU (MT). Moradores da cidade de São José do Xingu, no Mato Grosso, fazendeiros, índios e uma força-tarefa de mais de 80 bombeiros iniciam hoje um mutirão para combater o incêndio que já destruiu 150 mil hectares de fazendas e reservas florestais do município e ameaça chegar ao Parque Nacional do Xingu. De acordo com os dados da Associação dos Fazendeiros do Araguaia e do Xingu (Asfax), os prejuízos diretos (destruição de cercas e a morte de pelo menos 400 cabeças de gado) causados pelo fogo que há 12 dias se alastra já chega a R\$ 5 milhões. O prefeito Hélio José do Carmo (PMDB) vai decretar estado de emergência na cidade a partir de hoje, cancelar as aulas e destinar todos os veículos do município para o combate ao fogo, que já atinge uma linha contínua de 32 quilômetros e se desloca a uma velocidade que varia entre meio e quatro quilômetros por hora, dependendo do vento.

Índios se oferecem para ajudar a combater o fogo

Na tarde de ontem, o chefe do posto indígena que fica na entrada do Parque Nacional do Xingu, avariou Kaiabi, da nação kaiabi, colocou-se à disposição da Prefeitura e dos bombeiros para auxiliar no combate às chamas. A área dos kaiabis é a que fica mais próxima do foco de incêndio da fazenda Camaçari, a cerca de quatro quilômetros dos limites do parque.

Além dos kaiabis, vai ser requisitado o auxílio do cacique caiaçó Raoni, principal líder das 17 nações indígenas que habitam o parque. Os índios estão assustados com o volume de fumaça que paira sobre a reserva e que impede acesso ao parque por avião.



O FOGO ILUMINA, durante a noite, uma fazenda atingida pelo incêndio que já destruiu 150 mil hectares e matou 400 cabeças de gado no município de São José do Xingu, em Mato Grosso

— Os índios podem nos ajudar muito ao observar se o fogo avança para o parque, que conhecem melhor do que nós. Essa ajuda vai ser porque com a fumaça o uso de aviões fica limitado e só nos resta a alternativa de combater o fogo por terra — disse o secretário de Agricultura, Meio Ambiente e Assuntos Indígenas de São José do Xingu, José Sadi Soares.

Além de ter que organizar o combate ao fogo, o secretário e o tenente bombeiros Roger Martini se vêem envolvidos em outras tarefas. Ontem, gastaram 40 minutos para demover um proprietário rural do município, que tem cinco mil habitantes, que pretendia atear fogo a 500 hectares de uma área recém-adquirida para transformá-la em pasto. Desde sexta-feira, quando o Ibama revo-

gou todas as autorizações para as queimadas controladas, e pelas quais os proprietários pagam R\$ 5 mil, Sadi e Martini conversaram com nove fazendeiros que iam atear fogo em suas terras para demovê-los da idéia.

— O problema é que não temos o controle de quantas licenças o Ibama expediu para queimadas na região nesta época de seca. Todos os casos que soubemos foram por outros fazendeiros, apavorados com a possibilidade de seus vizinhos fazerem queimadas. Esperamos que o pessoal do Ibama venha para ajudar a fiscalização — disse o tenente.

Um milhão de cabeças de gado já não teria o que comer

Os cálculos do presidente da Anfax, Carlito Guimarães, dão

conta de que metade dos dois milhões de reses da região já não tem o que comer. Nas margens da BR-080, que dá acesso ao distrito de Santo Antônio, onde fica a maioria das fazendas queimadas, existem confinamentos de até mil cabeças de gado retiradas das áreas ameaçadas. Também é grande a quantidade de gado vendido antes do término da engorda, previsto para outubro, numa tentativa de esvaziar rapidamente os pastos. O próprio Guimarães já despachou da região quatro mil reses desde quinta-feira.

Das fazendas Vista Alegre e Alegria, onde um foco de incêndio continua dentro da mata e ameaça chegar ao pasto, já foram despachados 500 bois no sábado para frigoríficos de Barra dos Garças, a 400 quilômetros de distân-

cia. É cena comum nas estradas sem asfalto da região se encontrar boiadas levadas de um lado para o outro para evitar que os animais morram queimados.

— Muitos animais morrem ao ficar presos nas cercas tentando fugir do fogo, por isso o melhor é retirar o gado daqui de uma vez — conta o fazendeiro Alexandre Coelho, da fazenda Vista Alegre.

Proprietário só salvou a sede de sua fazenda com contrafogo

As cenas ao redor das áreas queimadas são impressionantes, com dezenas de bois mancando à espera da morte certa, por terem tido seus cascos queimados pelos pastos calcinados. A sede da Fazenda Jamanta, os currais e armazéns, construídos com madeira, só foram salvos porque o pro-

prietário, Antonio Flores, adotou o chamado contrafogo e junto com seus empregados incendiou as pastagens em sentido contrário. Com isso as chamas se encontraram e acabaram se extinguindo a pouco mais de 20 metros da sede da fazenda.

Labaredas de até cinco metros de altura cercaram 15 homens chefiados pelo cabo bombeiro Anderson Carulla, que por pouco não morreram queimados. Quase sufocado pela fumaça, com os cabelos e a farda chamuscados, ele chegou à sede da fazenda apenas a tempo de correr para as fazendas vizinhas que pegavam fogo. Aos que ficavam junto às casas, enquanto o fogo se extinguia no pasto, só restou se atirar ao chão e, deitados, tentar respirar abaixo da linha de fumaça. ■

José Luís da Conceição